

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JOSÉ CARLOS VINHAES***  
(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques

Entrevistado – José Carlos Vinhaes (JV)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Alex Varela (AV)

Data – 20/04/2006

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 46min

Transcrição – Maika Lois Carocha

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

VINHAES, José Carlos. *José Carlos Vinhaes. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 14p.

Data: 20/04/2006

### **Fita 1 - Lado A**

DN - Vamos dar início a entrevista com o doutor José Carlos Vinhaes para o projeto “História da criação da Faculdade de Medicina Souza Marques”. Hoje são 20 de abril de 2006, estamos no Rio de Janeiro, os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Alex Varela. Professor Vinhaes, a gente gostaria de saber um pouco da vida do senhor, onde nasceu, sua infância, seus pais o que faziam, suas escolas, porque escolheu medicina, enfim...

JV - Eu nasci em Salvador porque naquela época era de bom grado se nascer na casa do avós maternos, mas eu fui gerado em Ilhéus. A minha vida foi em Ilhéus, Bahia. Depois então, eu fiz o curso primário em Ilhéus com um professor formidável. Isso está no meu livro. Você tem o meu livro, né? Vou te dar um livro. Eu fiz o curso primário lá em Ilhéus e naquela época, Ilhéus não tinha ginásio, de modo que eu fui para Salvador, para a casa dos meus avós e fui para o ginásio Carneiro Ribeiro. Carneiro Ribeiro é um nome brasileiro não é um nome baiano. Esse colégio era de uma família bem conhecida de educadores lá em Salvador e no Brasil de maneira geral. Inclusive um dos Ribeiros discutiu muito com Rui Barbosa de modo que na literatura brasileira tem a discussão entre o Carneiro Ribeiro e o Rui Barbosa Fiz o curso ginásial lá e terminei o curso em 1935 porque nasci em 1919. Eu tinha então, 15 anos e não podia entrar para a faculdade. Naquela época, eu já queria ser médico.

DN – Naquela época depois do ginásio entrava direto?

JV – Direto, eu vou chegar lá. Eu não podia entrar para a faculdade, mas já queria ser médico. Meu pai, era médico e eu já tinha mais 6 tios médicos.

DN - Irmãos do seu pai?

JV - E da minha mãe.

DN - A especialidade do seu pai, qual era?

JV - Clínico Geral. Meu pai, me perguntou: e agora? E eu disse: Quero ser médico, agora não posso entrar, mas tenho aí pelo menos 1 ano de carência até poder entrar na faculdade. De modo que eu gostaria de ir para São Paulo, me aprofundar naquilo em que me acho mais deficiente acho necessário para eu vir a ser médico. Química, física e biologia. Ele disse, então está bem. Fomos então para São Paulo e ele me deixou lá em São Paulo onde eu tive também a oportunidade de conhecer também ótimos professores no Liceu Rio Branco e nesse ínterim..

DN - O senhor ficou aonde em São Paulo? Na casa de parentes?

JV - Não, não. Fique no Hotel Piratininga, bem em frente a Estação da Luz.

DN - Com seu pai?

JV - Não, só eu, sozinho. Mais ou menos de setembro para outubro de 1935, o ministro da educação foi um camarada que mudou completamente a arrumação dos cursos e criou os cursos pré. Pré-médico, pré-engenheiro, pré direito etc.. No ano seguinte, lá no Rio Branco, eu passei para o primeiro ano do pré-médico. Quando chegou no fim desse ano de 1936. Minha mãe foi me visitar lá em São Paulo e ficou dizendo que eu deveria vir embora e tal. O pai dela estava muito doente e eu acabei voltando para Salvador, já transferido para Salvador para o segundo ano do pré-médico da Faculdade de Medicina da Bahia. No terceiro ano fiz exame para entrar na faculdade e em 1937, comecei o primeiro ano de medicina na Faculdade de Medicina da Bahia. Quando, nós estávamos no terceiro ano da faculdade, era prática naquele tempo, se fazer o que então se chamava de embaixadas. Então agente conseguia um dinheiro ao governo estadual e íamos para o sul para passear ou ver alguma coisa. Eu e mais 6 colegas criamos uma embaixada e viemos para cá. Ficamos um mês e pouco, nas férias de junho aqui no Rio, em São Paulo e em Minas Gerais e ficamos vendo os serviços médicos dessa zona. Quando aqui estive, fiz contatos com uma pessoa que havia sido professor do meu pai, que era o professor Clementino Fraga. Voltando lá para Bahia, eu disse para o meu pai: vou fazer o terceiro ano aqui, mas no quarto ano, você vai se virar com o Clementino Fraga para me transferir para o Rio de Janeiro. Aí, então, passado algum tempo, meu pai me diz: tendo escrito para o Clementino Fraga, tendo repostado. Meu pai me disse que ia depender de mim e das minhas notas. Eu disse: então, não tem problemas. Quando, eu cheguei no fim do ano, eu pedi o arrolamento das minhas notas lá na faculdade e de fato me transferi para cá.

DN - Seu pai, tinha estudado lá ou aqui?

JV – Meu pai, lá. Meu pai formou-se em 1917, lá. Aí então vim para cá. Cheguei aqui, no Rio de Janeiro e nesse hospital no dia 12 de março de 1942. De modo, que eu estou aqui, dentro desse hospital a 64 anos. Um tio meu, o Almiro havia feito um curso de cirurgia torácica aqui com o Fernando Paulino. Então, eu pedi a ele, uma carta de apresentação para o Fernando..

DN - O senhor ficou estudando na Nacional?

JV - Isso, naquele tempo era Nacional. Eu cheguei no consultório do Fernando que era quem dava o curso de cirurgia torácica com a carta de apresentação e ele me disse que o serviço na Santa Casa não era dele, era do Augusto, meu irmão. Ele me deu uma apresentação para levar pro irmão, o Augusto. Me deu essa apresentação e eu, na cara e na coragem, cheguei aqui e me apresentei. O Augusto então perguntou, se eu era aluno da Nacional. Disse que sim. E ele falou: que bom, então você vai ser aluno do meu pai, agora no quinto ano na enfermaria. Então, como é que fica. Ele me disse para ficar na enfermaria e eu entrei no dia 12 de março de 1942, entrei aqui.

DN - Nessa enfermaria, a décima quinta?

JV - Isso. Aí, as coisas foram andando. Em setembro, outubro mais ou menos, Augusto falou para mim, no corredor: você tem algo para fazer agora? Eu respondi que não. Ele então, me disse: então, vem comigo agora para e ajudar em uma operação na Casa de Saúde São Sebastião. A partir dessa, eu fiquei ajudando nas operações. Depois, ele pegou e disse que ia falar com o pai, para ele me nomear interno da disciplina no ano que vem. Então, no sexto ano, eu já era interno da disciplina, de segunda clínica cirúrgica. Me

formei em 1943, lá pela Nacional. No ano seguinte, o Augusto já era professor da Escola de Medicina e Cirurgia, hoje a Unirio.

AV – Só uma pergunta. Você estudou uma parte...

JV – Até o quarto ano em Salvador, quinto e sexto aqui.

AV - Que diferenças que você via entre esses dois lugares?

JV– Aqui era tudo mais prático e naquela época, aqui na Santa Casa já era o centro carioca de ensino médico porque a Universidade Federal, a Universidade do Brasil como era chamada naquela época, todos os cursos de clínica médica e de clínica cirúrgica eram dados aqui. A clínica médica tinha 5 cadeiras e a cirúrgica também. De modo, que isso era uma coisa fabulosa, o pessoal com que você tinha possibilidade de dialogar e de ouvir enorme. Tinha um professor de clínica cirúrgica aqui, O Brandão Filho, o homem operando era uma maravilha de modo que onde hoje é o escritório da enfermaria 16 era um anfiteatro cirúrgico naquela época com uma rotunda grande, as três mesas. (?) Ficava na rotunda vendo, não era por cima não, era visão horizontal. Ver o Brandão operar era uma maravilha.

DN – A cirurgia era em sala de aula?

JV – Não era uma sala de aula, tinha a rotunda grande com três degraus onde a gente ficava vendo as operações. Mas, como eu estava dizendo antes, o Augusto era professor da Unirio e ele virou para mim e disse que ia me nomear assistente dele e disse que ia falar para o pai dele para me nomear assistente também lá na Praia Vermelha, de modo que 1 ano de formado eu já era assistente das duas faculdades. Em 1947, eu fiz concurso para docência livre, lá na Medicina e Cirurgia para técnico operatório. O dia em que acabou, o Augusto disse para mim, agora você vai fazer lá para a Nacional. Em 1950 eu fiz concurso para lá. Aí então, entrei para um grupo de professores docentes da Nacional e nós tínhamos direito de fazer o que se chamava naquela época cursos equiparados. Esses cursos equiparados eram paralelos aos cursos do professor titular. Os alunos não se inscreviam no curso que ele queria. Nessa enfermaria, naquela sala e que vocês tiveram aula, ali é que eu dava o meu curso. Isso foi evoluindo e quando foi em 1969, um grupo de 7 docentes da Nacional, um dos quais era eu imaginou fazer a sua faculdade

AV - Você tem em mente quais eram os outros docentes?

JV - Tenho sim, você quer?

AV - Gostaria.

JV – Paiva Gonçalves, Mário Miranda, Jarbas Porto, Pedro Ribeiro de Carvalho, Nelson Passareli, não me lembro o nome do médico da dezoito que também fazia parte. Lembra dele? Daqui a pouco, eu me lembro.

DN – O Jair... Jair Ramalho

JV – Não, não. O Jair foi convidado para ser professor de anatomia. As coisas foram evoluindo, nós nos reuníamos e fomos organizando as coisas. Estava na época da

ditadura. O Paiva Gonçalves tinha servido quase nessa época, no Rio Grande do Sul com o Costa e Silva. Quando, o Costa e Silva entrou para a presidência, as coisas passaram a ficar mais nítidas para nós porque o Paiva conversava com o Costa e o Costa e a mulher dele também começaram a se interessar pela história. Tanto assim que em 1970..

DN – O doutor Paiva Gonçalves era médico do Costa e Silva?

JV – Não, não. Servia com ele. Paiva era militar, havia servido com o Costa e Silva no Rio Grande do Sul.

DN – Ah tá, eram amigos, não só médicos.

JV – Então, houve uma reunião nossa, de nós sete com o Costa e Silva lá em Laranjeiras. No Palácio Laranjeiras. Isso, em fins de 1969, começo de 1970, quando ficou assente que o governo iria fazer alguma coisa porque vocês tinham feito o concurso, mas que tinham sobrado.

DN – os excedentes?

JV – Os excedentes justamente e que começou a se criar a possibilidade de se amparar esses excedentes, e viram na possibilidade da criação dessa nova faculdade de se alocar.

DN – Agora, só um pouquinho antes professor. Isso já foi em fins de 1969. Essa conversa de vocês desde quando?

JV – Desde 1968.

DN – Mas aí vocês faziam essa conversa aqui na Santa Casa?

JV – É, aqui, em almoços, Em qualquer lugar nos reuníamos e começamos a planejar as coisas.

DN – Uma escola de medicina poderia ser da Santa Casa?

JV – Sim, foi até pensando em ser da Santa casa, mas, a Santa Casa não aceitou.

DN – Nesse momento que vocês começam a conversar sobre a criação de uma faculdade de medicina, os alunos excedentes já participavam das discussões?

JV – Já, já.

DN – E qual era a participação?

JV – Que eu me lembro. O principal era o Chico.

DN – Chico Medina?

JV – Medina. Tinha o Toledo, ele se aposentou agora como mar e guerra ou como almirante não me lembro lá, como médico da Marinha. Tinha aquele outro que era muito amigo do Chico e depois os dois brigaram e tal.

DN - Guido.

JV - Isso mesmo, o Guido, muita gente. O (?) morava na Vieira Souto e nessa época aí já estava. O governo já estava implicado na história. Era mundo comum eu chegar do teatro, do cinema às 11 horas da noite e na porta da minha casa estava o Chico com uma bateria lá, uns 3 ou 4 lá que tinham feito alguma que tínhamos pedido. Exigências com o ministro. Para me notificar e eu tomar as providências com os colegas, ver o que nós íamos fazer e tal. As coisas foram andando dessa forma até que o ministério aceitou, apresentamos a Sousa Marques.

DN – Como é que a Sousa Marques apareceu nesse momento?

JV – Em parte o ministério entrevistou quando sabia do nosso desejo. O ministério sabia do nosso desejo de formar a faculdade, então foi ele que nos colocou em contato com a Fundação Técnica Sousa Marques que estava interessada na história e tal. Nós então, procuramos a fundação. A Santa Casa também acabou entrando porque ela cedeu o prédio aonde fundamos a faculdade, ali na Glória.

DN – O prédio na rua do Catete 6?

JV – Isso mesmo. Bom, então com isso aí, quando foi no início de 1971, senão me engano foi março ou abril de 71, foi a primeira aula inaugural da faculdade.

DN - 13 de maio de 1971.

JV – Isso. Eu estava lá. Abolição da escravatura. (risos). Quem foi que deu a aula inaugural?

DN – Não me lembro.

JV – Eu. (risos)

DN – A minha memória é péssima.

JV – A minha é ótima.

DN – O Chico também lembra de tudo.

JV - Fui eu quem deu a primeira aula inaugural do curso. Nós tínhamos projetado um curso que era um pouco diferente do habitual. Onde procuramos dar a coincidência de problemas da prática com as diversas disciplinas. Isso gerou para nós, alguns problemas com os professores que classicamente queriam ficar naquela fórmula completamente dissociada, um dava cabeça e outro dava pé. Ta lembrada disso? Era concomitante, anatomia, embriologia, (?). Quando dava cabeça. Todo mundo dava cabeça, quando era pulmão, era pulmão e coisa e tal e assim sucessivamente. E para fazer isso aí, eu até sou meio desequilibrado porque eu aceitei ser o coordenador. Você deve se lembrar disso.

DN – Sim, sim.

JV – Eu aceitei ser o coordenador do ciclo básico. Tive problemas com alguns colegas porque inclusive teve um que foi muito gozado. Eu conversando com ele, vamos fazer assim e tal. E ele disse que eu estava querendo desarrumar a caixa de slides dele. E eu disse: não quero fazer isso, não quero que você dê a caixa de slides quero que você dê aquilo que está programado.

DN – Esse, quem era?

JV – Ah! Não vou dizer. (risos)

DN – Porque todo mundo tinha caixa de slides, então fica difícil de saber quem era. Era a ferramenta de trabalho naquela época.

JV – Eu não tenho. Faço a minha aula com esses slides. Ta aqui, eu tenho a chave daquilo que está alí Junto os slides na hora, em quinze minutos monto a aula, sem a caixa porque gosto de mudar os slides. Então, o curso foi evoluindo conforme você sentou e você foi cobiando disso aí.

DN - Porque essa proposta era uma novidade.

JV – Era, era. Quando fomos passar do segundo para o terceiro ano, portanto quando passamos para o ciclo profissional, eu fui indicado para ser o professor de clinica cirúrgica e eu quis largar a coordenação do básico. Dessa forma fizemos o seguinte, colocamos um coordenador geral, que no caso foi a minha mulher, a Vera e profissional a Iara. Lembra da Iara? Então, curso ficou com a coordenação dividida entre eu, Iara e Vera. Foi uma experiência fabulosa porque o ciclo profissional como era 62, nós dividimos isso em 6 módulos de 32. esse 6 módulos de 32, nós fazíamos girar em cada ano de modo que o contato pessoal professor aluno era tudo conhecido de chegar oie e tal.

DN – E esses 32 ainda eram divididos em 8.

JV – É, e 8.

DN – Para aulas na clínica e na enfermaria.

JV – Isso mesmo. Mas, deu problemas com a Fundação porque começaram a dizer que estava ficando um curso muito caro. O argumento que nós dávamos era o seguinte é de que o curso não era para dar lucros e sim instrução. Isso que ele está fazendo aqui, nos gravávamos. Cada 8 tinha um assistente, um professor e gravado. Como eu, por exemplo, tinha clinica cirúrgica e não podia estar em todas as aulas ao mesmo tempo. Eu tinha depois as 4 aulas gravadas e vinha para cá e depois escutava as aulas. Isso era muito bom porque eu chegava para a Iara e para Vera e dizia: olha no grupo x tem uma pessoa que fala muito, de modo que ele toma conta da aula e tem um que na fala nada. Talvez fosse bom, você chamar separadamente os dois e conversar. Isso foi formidável porque o mudinho começava ra a falar e o outro brecava.

DN – E isso era feito efetivamente?

JV – Era, você não sabia não.

DN – Não. E nunca fui chamada, devia estar na média. (risos)

JV - O curso foi evoluindo dessa forma, até que lá para maio ou junho de 1976, o Chico e os outros me procuraram para eu ser o paraninfo deles. Eu digo: tá tudo bem e assim foi. No dia da formatura deles, lá no Municipal, quando eu cheguei já estava lá o Médico que havia sido presidente, mas já estava afastado e era também amigo do Paiva. Agora vê uma parte que se você quiser censurar, você pega e censura. Teve a formatura e tal e no dia 28 de dezembro, 8 para nove horas da noite, eu liguei para a faculdade, mandei chamar a Estela. Eu cheguei e disse: olha Dona Estela, eu estou ligando para desejar boas festas e tal. E ela: olha professor foi bom o senhor ter ligado mesmo porque nós queremos lhe agradecer tudo o que o senhor fez por nós. E o burro aqui, ah tá. No dia 04 de janeiro, recebo uma carta assinada por ela para eu fazer o destrato como professor de lá. Evidente que eu lá não fui. Não entendi, chamei meu advogado, entreguei o documento e 2 dias depois ele liga para mim. Ele disse: olha, Vinhaes, o negócio está difícil porque o seu fgts e o seu inss não tem nada pago. Como é que faz? Eu disse: olha, eu não entendo, agora tudo o quanto for legal, você pega e você faz.. Aí, ele liga para mim e disse que a Dona Estela queria falar comigo. Eu disse: que falar comigo jamais. Dias depois, me pagaram o que deviam. No fim de janeiro, eu recebo uma intimação do SNI. O DOI-CODI que tinha a sede aqui no Ministério da Educação, porque havia uma indicação de que eu era subversivo. Disseram que eu tinha feito na formatura um discurso subversivo. Bom, eu peguei o meu discurso e fui lá. Me apresentei e falou comigo um coronel. Ele disse: nós temos a informação e tal e isso e aquilo. Eu perguntei, se ele tinha a cópia do meu discurso, ele disse que sim, que tinha a que lhe entregar. Eu disse: aqui está a minha então, compara para ver se são iguais. Ele me mandou esperar um pouco fora do gabinete. Saí do gabinete, sentei, daqui a pouco vieram me chamar. Quando voltou disse que os discursos eram iguais e não tinham nada de subversivos.

DN – Eram iguais?

JV – Eram. Eu digo: o senhor quer saber agora a minha história? O senhor deve ter uma história, agora o senhor quer saber a minha? Ele disse: quero. Isso que eu historiei aqui para vocês, falei para ele e disse que isso surgiu quando eu fui convidado para ser paraninfo da turma, o diretor da escola, que era um dos 7 idealizadores da mesma, no caso, o Paiva Gonçalves achava que quem devia ser de qualquer forma era ele, mas, ele não foi, então, no meu modo de ver, é provável que a denúncia tenha partido dele já que ele tinha ligações com militares. O senhor poderia ligar a minha fala ao que pode ter ocorrido. O coronel foi muito honesto comigo e me disse que realmente a denúncia tinha partido o doutor Paiva Gonçalves. Ele me dispensou, não tinha nada contra mim. Esse camarada ficou meu amigo depois. Eu saí dali e fui falar com o Paiva. Ele estava lá e eu disse: senta aí. Tinha um sofá. Nunca mais quis saber nada sobre a Sousa Marques. Só quando a UFRJ fez 150 anos, eu era professor também de lá e eu era parte da comissão de recepção e no ultimo dia das comemorações estava na porta o Cruz Lima e eu. Quando eu vejo, a Estela apontar. Eu disse para o Cruz Lima fica aí na frente porque vem uma pessoa aí que eu não quero falar. Ela burramente falou com o Cruz Lima e veio para mim, ficou com a mão no ar.

DN – Qual foi a reação do Paiva?

JV – Ué. Acabou. Falar o quê? Ele ficou calado, mudo. Ele é filho da pura mesmo.

## Fita 1 - Lado B

DN – Só um instantinho. Foi ele também que sugeriu o Médici para patrono da turma, não foi?

JV – Foi sim. Na colação de grau, o Médici estava lá. Você não se lembra?

DN – Eu não fui, não fiz parte. Tenho os meus motivos, dentre eles o fato do Médici estar lá, ser o patrono.

AV – Professor, e o professor Doyle Maia teve alguma participação?

JV – O Doyle era muito bom. Ele não fazia parte dos sete, mas teve uma participação fundamental em todo o processo. Ele foi chefe do departamento de ciências básicas e ajudou, mas muito mesmo na organização da faculdade. Muito bom, mesmo.

AV – Uma outra pergunta e para o Sousa Marques ser o indicado?

JV – O Ministério também fez uma co-indicação.

AV – Mas, porque foi ele o escolhido. Porque poderiam ter várias outras opções, não é?

JV – Sim, sim poderia. Mas eu não sei lhe dizer. Foi apontada para nós e nós aceitamos e tocamos a bola para frente. O velho Sousa Marques era um indivíduo fora de série. Aos 18 anos era analfabeto e se alfabetizou sozinho. Ele tinha ideias muito boas e inclusive foi o trabalho dele que colocou aquilo tudo em pé, a fundação e tudo. Tudo se deve a ele

DN – Teve algum professor que teve papel central ou que liderou o processo de implementação da faculdade?

JV – Fomos nós sete.

DN - E os alunos, os excedentes?

JV – Eles colaboraram muito. A parte de carregar pedras praticamente foi dele, eles iam de um lado para outro atrás de documentos e tal. Eles iam atrás e chegavam para mim às 10 horas da noite com o documento. Eles carregaram pedras a beça.

DN – Eles iam no ministério, em tudo quanto era repartição.

JV – Isso.

AV – O senhor conheceu o professor Titurbano?

JV – Conheci.

AV – Ele teve algum papel?

JV – Na formulação da escola não. Ele era um membro importante dentro da fundação, mas não teve papel algum na fundação na escola de medicina.

DN – É talvez tenha tido papel na indicação da fundação como mantenedora da escola de medicina. Quando vocês começaram a pensar na fundação da escola de medicina, qual o intuito de vocês? Porque já existia a Nacional, a Medicina e Cirurgia, Niterói e Uerj, públicas, né. Particulares tinha a Gama Filho. O intuito qual era?

JV – Sabíamos que havia uma procura grande por vagas que não era absorvida pelas já existentes e nós queríamos fundar novas metodologias, éramos meio megalomaníacos. Nós achávamos capacitados de criar uma outra visão da (?).

DN – E a escola que foi fundada no desenrolar do (?). Atendeu as expectativas?

JV – Acho que sim. Sua pergunta foi muito boa, estava pensando em chegar lá e você então me antecipou. Você viu o que aconteceu com vocês no primeiro e segundo ano após a formatura portanto em 1977, 1978. Porque depois de formadas as primeiras turmas, os ex-alunos começaram a fazer os concursos e quase todos passaram direto Parece que aquilo que fizemos, fizemos bem.. O ensino deu frutos. O produto final foi muito bom.

DN – É verdade, a maioria passou e tudo quanto era concurso. Bom, a opinião do senhor em relação aos alunos, sobre essa primeira turma?

JV – Foi uma turma excepcional. Conseguiu captar toda a nossa mensagem, foram consequentemente bons médicos e profissionais.

DN – Durante o curso eles ajudaram mais do que atrapalharam. Mesmo nas reuniões, as plenárias da escola.?

JV – Você tocou em um assunto que eu ia falar agora. As plenárias eram ótimas. Você sabe, o Chico era o representante dos alunos e o Chico ficou muito amigo meu. Eu sempre sentava perto do Chico. Nesse momento já começamos a te diversidade de conceituação em alguns aspectos.

DN – Da fundação?

JV – Não, da direção mesmo. Tinham problemas que vinha da fundação, mas a direção encampava Com esse sistema que nós criamos. O fato dos tutores terem apenas 8 alunos, tornou o relacionamento dos professores-tutores com os alunos muito próximo. Isso fez com que o aluno não tinha medo do professor. Sabia que o professor estava ali para ajudá-lo e não para combater. Conhecíamos todos pelos nomes, sabíamos o que o aluno precisava e levávamos isso para a direção e em alguns momentos, a direção, pressionada pela fundação sempre reclamava dos custos disso. Eu dizia, o que é bom, custa caro, né.

AV – E o Governo ter assumido essa faculdade? Não poderia ter arcado com os custos disso? Ter tornado a faculdade pública? Por que ele dá para uma instituição fazer isso?

JV – Sei lá. Já tinham 3 federais.

AV – O Governo não poderia ter arcado com essa ideia, ter comprado a ideia?

JV – Isso não dá para perguntar porque todos eles já morreram. (risos)

AV – Se usa, esse argumento até hoje que de que medicina é uma carreira muito cara... Por isso não se criam mais vagas. Mas, ele mal ou bem bancou esse processo.

JV – Eu não sei, o governo não bancou, só deu a licença.

DN – Na verdade sim, ele bancou as obras do prédio e nos bancou o curso todo.

JV – Como assim?

DN - E o MEC dava uma verba mensal para a fundação para custear os alunos da primeira turma. Então, o custo da primeira turma com exceção de uns alunos que entraram depois. A nossa turma que começou a escola foi bancada pelo MEC. Depois não, mas a primeira turma foi bancada pelo MEC.

JV – Isso, eu nem sabia. Tá aí a sua resposta, o Governo então bancou.

AV – Não, a minha pergunta é porque o Governo não assumiu a escola como uma escola pública? Como você vê esse fato?

JV – Como eu lhe disse. Já havia 3 federais na área. Não havia o interesse do Governo e ter mais uma universidade pública com medicina.

AV – Então, podia delegar para a iniciativa privada?

JV – É. Lembrei o nome do médico do grupo, aquele que eu havia esquecido. Costa Couto da 18 enfermaria.

DN – De clínica ...

JV – Justamente. Costa Couto era um dos sete também.

DN - Isso. Falta só um nome.

JV – Não.

DN – Paiva Gonçalves, Mário Miranda, Jarbas Porto, Pedro Ribeiro, o senhor, Costa Couto. Falta só um. Porque o Doyle, O Jair Ramalho e o Aldo, esses vieram depois.

DN – Como esse episódio do professor Paiva com o senhor repercutiu? Alguém se envolveu ou tomou dores?

JV – Não, o negócio foi direto dele comigo. Ciúme, né. Ciúme de homem é um negócio horrível, né!

AV – Nenhum aluno entrevistou para que o senhor continuasse?.

JV – Não.

AV -Ninguém encampou a ideia de tomar as dores?

JV - Só apenas depois, 2 anos depois, eu fui o homenageado da turma. Já não era professor de lá e fui homenageado.

AV – Depois, o senhor nunca mais voltou a Sousa Marques?

JV – Não. E por outro lado, nenhum aluno da Sousa Marques entra aqui. Não entra. Ainda não. Porque eu sou JC e não dei o outro lado para levar bofetão. Levei um de um lado e o outro não dou. Quem dá agora sou eu.

DN – E aqui tem aluno da Gama Filho?

JV – Sim, é claro. Eu sou professor da Gama Filho também. Desde 1978 sou professor da Gama, vou fazer 28 anos agora de casa.

DN – O Esperidião ainda está aqui

JV – Não, ele está e Bonsucesso. Está ganhando dinheiro com (?). O Esperidião casou com uma colega sua, com a Eunice.

DN – Ah é! Eu me lembro bem do Esperidião.

AV – E na UFRJ, o senhor não está mais?

JV – Não, já me aposentei por lá. Quantos aos vocês acham que eu tenho?

DN – Quantos, 19?

AV – 80 e ...

JV – Vou fazer 87.

DN –Tudo isso, não parece. É da época do Doyle.

JV – O Doyle se formou 1 ano depois de mim lá na Nacional, ele é da turma de 1944, eu sou da turma de 43

AV – tem um outro professor que está muito doente. Qual é?

DN – Jarbas Porto.

JV – É o diretor atual da Gama Filho. Jarbas está muito doente com problemas médicos graves.

AV – Você acha difícil ele conceder uma entrevista?

JV - Mas, de qualquer forma, vocês querendo, liga para a Gama e pede para falar com a diretoria da Escola médica e procura a Silvia, que é secretária de lá. Pode até falar com a

vice-diretora que é muito amiga minha, a Nete. Diz que falou comigo e tenta o contato. Vê se existe alguma possibilidade de vocês contatarem o Jarbas. Mas, acho complicado.

DN – Nete o quê?

JV - Nete Trajan.

AV – O Jarbas nivela pela idade do senhor?

JV – O Jarbas é 2 anos mais moço do que eu.

DN – Bem, professor Vinhaes, acho que era isso, de fundamental para nós era isso. Se o senhor tiver mais alguma coisa para falar.

JV - Não, só que eu não soube mais nada do que aconteceu lá e nem quero saber como está. Isso já tem 35 anos.

DN – A sua zanga ainda é muita com eles, né?

JV – Como e lhe disse, eu não dou o rosto para outra bofetada. Porque olha, você sabe perfeitamente por que viveu o momento onde tiveram problemas financeiros. Ajudei muito a eles no início. Quando atrasava o pagamento, os professores sempre procuraram como eu era um dos fundadores e eu fazia um convencimento para não haverem greves e tal... Conseguimos levar isso até pelo menos o fim do curso de vocês.

DN – Esses atrasos eram depois do terceiro ano?

JV – Eram.

DN – Atrasava muito?

JV – Nos primeiros dois anos não, mas, depois às vezes atrasava 3 ou 4 meses. De vez em quando, eu ouço dizer que atrasam muito, mas eu não posso dizer se sim, se não e qual é o atraso deles porque eu também não estou interessado.

DN – Faz sentido. Começou a atrasar quando parou a verba do Governo. Muito bem, obrigada. Qualquer coisa, podemos voltar?

JV – É claro que sim. Quando você tiver isso batido trás que a gente ajeita a dois, porque falando tem muita coisa que a gente esquece ou não fala muito bem. Porque muitas vezes falando a gente não dá uma sequência lógica as coisas por isso é bom ajeitar.

DN – Está bom, obrigada.